

Paternalismo, comissões de fábrica e consciência de classe: as reivindicações dos têxteis de Moreno-PE no ano de 1952.

MÁRCIO ROMERITO DA SILVA ARCOVERDE *

Introdução

Os anos 50 marcaram a diversidade e complexidade do cenário político de Moreno e foi bastante representativo para pensarmos as mudanças do período 1946-1964. Nesse período notamos insurgências mobilizadoras da classe trabalhadora em todo o país, diversos trabalhos (NEGRO, 2004; FONTES, 2008; LOPES, 1988) caracterizam esse período como de grande efervescência nas lutas e conflitos de classe, apontando a participação e organização direta dos trabalhadores. Em Moreno, no espaço fabril da Societé Cotoniére Belge Brésilienne S. A., observamos essas lutas sendo organizadas no chão da fábrica através de comissões de fábricas, aparecendo também, nesse contexto, a atuação do partido comunista, e das constantes tentativas de interlocução de políticos conservadores junto aos trabalhadores. Porém, a nossa abordagem recai sobre a maior força política em ascensão nesse momento: a classe operária, sua organização e mobilização em busca de direitos perdidos e novas reivindicações.

A fábrica de Moreno era um investimento internacional, uma empresa belga que desde a sua fundação, em 1910, esteve sob gerência inglesa, uma parceria empresarial² firmada desde sua fundação (JEAN, 2011). A Societé Cotoniére Belge Brésilienne monta todo seu aparato característico das fábricas têxteis que se instalaram no interior de Brasil fazendo surgir o primeiro núcleo urbano da cidade de Moreno. Em finais do Século XIX e primeira metade do XX, são constantes os empreendimentos que montam a fábrica, a vila operária e diversas formas de controle no trabalho e sociabilidade dos operários. Nesse ínterim foram criados vários cotonifícios em Pernambuco:

A 'vila operária' da Tecelagem de seda e algodão de Pernambuco, localizada no centro do Recife; a da companhia de fiação e tecidos de Pernambuco S.A, situada no bairro da Torre; e do Cotonifício Othon Bezerra de Melo S. A. e a da

*Mestrando pela Universidade Federal Rural de Pernambuco e bolsista CAPES.

² Informações sobre essa parceria e de que forma se articulam com investidores brasileiros seja para definição do local de implantação ou como se processou as articulações para implementação da fábrica têxtil em Moreno ver JEAN, Suettini. **Um lugar belga em Pernambuco**: o núcleo fabril da Societé Cotoniére Belge-Brésilienne S. A. e a consolidação em cidade de Moreno. Dissertação de mestrado CAC. Arquitetura. Recife, 2011.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

2

fábrica Tacaruna, localizadas na periferia da cidade. (...) próximos a pequenas cidades “vila operaria” da companhia Industrial Fiação e Tecidos Goyanna, na cidade de Goyanna; à da Fiação e Tecelagem de Timbaúba, em Timbaúba; à da

companhia Industrial Pirapama, em Escada, e à do Cotonifício José Rufino, na cidade do Cabo. Os situados em meio rural: a vila da Companhia de Tecido Paulista, em Paulista; Societé Cotonnière Belge- Brésilienne, em Moreno e a da companhia industrial pernambucana, em Camaragibe. (CORREIA, 2001: 05)

A Societé Cotonnière Belge Brésilienne configura-se dentro desse quadro de Empresa-cidade na parte rural do Estado, onde seus contornos urbanos dão as diretrizes da estrutura da cidade criada em sua extensão, a cidade de Moreno em 1928. É nesse espaço que posicionaremos as nossas análises sobre a classe operária, cuja identidade esteve em constante contato com a dominação patronal, seja no trabalho, na moradia ou no lazer. Uma característica de fábricas com vila operária no interior do Brasil.

Entre o paternalismo e o coronelismo: o cenário e os trabalhadores grevistas

Em 1949 a gerência da Societé Cotonnière Belge Brésilienne³ que era, desde sua fundação exercida pelos ingleses, passa a ser exercida por belgas, sua administração passa por modificações administrativas que causam uma redução significativa nos seus salários dos operários.

(...) Em continuação a mencionada reforma, foi notado o afastamento do gerente técnico o inglês John T. Walmsley, que ali vinha mantendo aquele cargo a mais de 30 anos, com a alegação do mesmo se encontrar com a saúde abalada, criando o cargo de chefe de serviço do pessoal, aproveitando no mesmo o escriturário Sr. Valdemar de Holanda Vasconcelos, onde passou logo a ser adotado o início da mecanização da escrita, com a instalação e funcionamento dos relógios da I. B. M. , com a obrigação de todos os operários e funcionários sem nenhuma exceção (...) por intermédio da “Folha do povo” , nos dias do mês de abril próximo passado e em 22, 23 desse com alegações que na seção e preparação os operários trabalhavam de 70 a 80 horas por semana, passaram a trabalhar 60 horas, com esta redução, deixou de pagar as gratificações de 20, 30 e 50%, que vinham recebendo depois de ultrapassarem as 48 horas, provocando a falta de material para as outras seções⁴.

As mudanças significaram para o operariado uma queda brusca nos salários. Isso causou uma série de mobilizações e reivindicações, o que vai nos servir de base para o tema central deste texto: as ações de reivindicações e lutas de classe. Esse corte abrupto nos salários vai ser o principal motivo das ações de resistência, mas outro fator também é

³ Usaremos daqui em diante para nos referir a esta fábrica a abreviação SCBB.

⁴ Relatório 24/05/52. Prontuário funcional da fábrica de Moreno. p. 03. Fundo SSP nº 5825-B. Acervo DOPS- PE. APEJE.

determinante para o processo que leva a primeira grande crise entre empregados e empregadores da SCBB: a quebra de um modelo paternalista estabelecido baseado no direito e costume. As duas argumentações se alinham e se justificam: de um lado a diminuição nos salários, e conseqüentemente a dificuldade perante o mercado de alimentícios e o custo de vida de uma forma geral; de outro lado, a quebra do que era um direito para o operariado de Moreno: as longas jornadas de trabalho para conseguir horas extras legitimadas pelo empregador.

A gerência inglesa mantém desde seu princípio um modelo de paternalismo industrial onde a figura do gerente, o Mister Walmsley, é o provedor da entrada na fábrica, dos auxílios diretos aos empregados, um paternalismo característico de um lugar que permeia o mundo urbano e rural, seja na política local, seja na perspectiva do industrial. Para muitos operários o “Misti Homi” é o seu chefe, bom patrão, que mantém uma relação que ultrapassa os muros do trabalho, indo ao íntimo das relações paternalista da cidade-fábrica. É na figura desse gerente que os operários criam uma imagem do bom patrão e do bom emprego.

(...)“Miste homi” eu fui no escritório dele. Ele era tão bonzinho visse, aquela criatura deve ser santo lá no céu. Ele era tão bom, ele era um dos donos, sei lá o que ele era. Sei que ele era inglês ele passava por lá, o chapéu dele ele pegava o chapéu machucava o chapéu todinho (*gesticula como ele fazia*) e saia, o cabelinho já ficando branco, aí passava fala com todo mundo, falava com todo mundo, pegava no nariz de um, no cabelo de outro, no ouvido. Ele era assim. Se ele visse você dormindo ele não dizia uma nem duas ia lá apertava seu nariz, “ta com sono menino, ta com sono, vá trabalhar, vá trabalhar que você esperta” (*fala reproduzindo o sotaque do homem*). Eu era pequenininha!! 14 anos, aí eu fui e já falei mesmo com “miste homi”. Aí quando chegou lá o vigia deixava entrar eu e um colega meu, falei com ele na mesma hora ele mandou agente fazer um teste, aí eu fui fazer o teste no outro escritório que era pagado falei com as moças lá e fiz.⁵

(...) isso era uma mãe moreno era outro moreno quando ela funcionava o societé cotonniere. A gestão dos ingleses foi a coisa mais linda que se podia ver em moreno os operários tudo satisfeito trabalhando, ganhava dinheiro né? A vida de Moreno era outra coisa o povo era um povo feliz né?⁶

⁵ Rosa José da Silva, ex-tecelã, entrevista concedida em 06 de Maio de 2010.

⁶ Maria José, ex- enfermeira, entrevista concedida em 15 de Junho de 2010.

Sendo uma fábrica com vila operária, a SCBB tem o domínio dos seus operários não só dentro do trabalho, mais também na oferta da casa, do lazer, da vida além-fábrica. Modelo de “dominação fabril com vila operária” (LOPES,1988), assim caracterizou Leite Lopes se referindo a Companhia de Tecidos Paulista, caso de fábrica com vila operária no interior de Pernambuco. Se em Paulista existe a figura do coronel industrial, em Moreno a política local vai ter a influência do provedor da economia local, a SCBB, com ares que permeiam o paternalismo rural, pois legitima a ascensão de políticos que são grandes proprietários rurais. Os políticos da cidade ou são latifundiários locais ou comerciantes da elite da cidade, e o industrial, ofertando emprego, casa e lazer. Não há intervenção direta pelos industriais na política e sim o apoio à camada mais elitizada. Desde a formação da cidade têm-se políticos representante, ora dos latifundiários, ora da elite comerciária local, exercendo cargos com o apoio dos industriais da SCBB. O que faz com que a política partidária tenha fortes características coronelistas e o paternalismo industrial exista sem conflitos com o político. No entanto, a quebra com este último e um nível crescente de consciência de classe faz do ano de 1952 o ponto de partida das reivindicações classistas.

Opressão existiu com os ingleses, mobilizações e resistências perante a exploração capitalista também, mas, antes da crise de 1952 esteve no plano individual, não atingia uma parcela dos operários para formação de comissões, de greves, protestos, mobilizações como justificativa de direito de trabalhar. A crise, e a consequente mobilização de 1952, tem a característica de evidenciar um operariado politizado e organizado na busca de seus propósitos.

Ações de comunistas, o apoio de políticos conservadores numa constante tentativa de aproximação com a classe operária, e tendências de política com características paternalistas, coronelistas, também foi uma das características do período 1946-1964. Esse era o cenário e os ingredientes que fomentaram e instrumentalizaram as ações dos operários dando a caracterização do período pós-45 e estão deveras explícitos nas reivindicações de 1952.

Na busca por direitos: as mobilizações de 1952

Em 17 de Maio de 1947 o Partido Comunista de Moreno sofreu interdição, já que havia sido posto na ilegalidade. O desmonte da seção do partido em Moreno é feito pela

polícia política da DOPS onde encontra uma série de materiais, agora subversivos, e alvo de intensas investigações por parte do serviço secreto. Não existindo sede, funcionando em casa particular, é apreendido os matérias que entre outras contava com: “14 folhas de reclame do quarto congresso do PCB; 6 exemplares de divulgação marxistas; 5 exemplares do fortalecimento sindical; 3 fotografias com lustro do senador Luiz Carlos prestes; 23 ditas sem lustro; 23 estatutos das ligas camponesas; 20 exemplares história de um trabalhador comunista⁷”. A retórica anticomunista se tornava, agora, mais agressiva, e com força legal para pautar os adeptos do comunismo de criminosos subversivos. Para Paulo Fontes o decreto 23.046⁸ foi uma ofensiva anticomunista e anti-sindical (FONTES, 1997:115), uma forma de controle social de massas com justificativa no discurso anticomunista.

Em *Medo, comunismo e revolução: Pernambuco (1959-1964)* (PORFÍRIO, 2009) e *História, memória e metodologia* (MONTENEGRO, 2010), vemos discussões sobre como se criaram e se propagaram em Pernambuco os discursos anticomunistas através da imprensa, da DOPS, e de setores mais conservadores da sociedade. O medo, o ar subversivo- e consequentemente de caráter ilegal- que servirá, entre outras coisas, para a instalação da ditadura militar. Apontamos essas discursões no momento democrático de 1946-1964 e concordamos com suas argumentações. Porém, queremos mostrar como a efetivação do controle social baseado na repressão do comunismo serviu de justificativa para reprimir as lutas de classes nesse momento, fazendo assim um diálogo com o argumento usado por Paulo fontes (FONTES, 1997:115), ultrapassando a argumentação discursiva dos usos dessas fontes e chegando a seus usos frente à classe operária em Moreno. A presença perene de investigadores da DOPS ora procurando os “cabeças” das greves, ora intermediando junto à justiça ou gerência, é frequente, e nos servirá de fonte documental para enxergarmos os dissídios e movimentações diretas das comissões formadas por trabalhadores.

Em Moreno a célula comunista estava articulada e infiltrada na fábrica, como consta os nomes e assinaturas dos comunistas no relatório acima citado, sendo a sua maioria funcionários da SCBB. Desencadeia-se uma corrida contra as ações desse partido em Moreno,

⁷ Relatório 17/05/47. Prontuário funcional município de Moreno. p. 01-02. Fundo SSP nº 26717. Acervo DOPS-PE. APEJE.

⁸ Decreto que põe o PCB na ilegalidade

os investigadores da DOPS vão estar a todo o momento na busca por elementos subversivos, que segundo a visão policial, agitam os operários e incitam à greve. A todo o momento vamos perceber a relação dos movimentos grevistas aos comunistas. Não podemos descartar a participação desse setor nas mobilizações operárias, porém, apresentar as reivindicações grevistas a um partido ou célula é deveras reducionista e, fazendo isso, corremos o grande risco de cair num argumento de cupulismo da classe operária (TEIXEIRA, 1999). Marcar a presença dos comunistas sim, mas agregar o valor das lutas e mobilizações somente a eles é compactuar com os investigadores da DOPS, onde seus olhos estavam direcionados a procura do subversivo, agitador, e mesmo não estando ligado ao partido era tido como comunista. Tiveram, os comunistas, participação direta nos movimentos grevistas, porém, essas mobilizações são representativas de toda uma classe em seu fazer-se, não nas ações isoladas de comunistas cooptando os operários.

Em 1951 foi assinado um acordo com os operários da SCBB onde se estabelecia as 48 horas trabalhadas- ratificando as reformas administrativas dos belgas- e, para isso, trabalhavam aos sábados até às 22 horas. No entanto, no ano seguinte, alguns operários rasgaram os avisos espelhados pela fábrica, como forma de mostrar a não aceitação do acordo estabelecido.⁹ Em janeiro de 1952 os operários em comissão montam duas propostas para a fábrica; a primeira seria trabalhar 48 horas com um aumento de 100%; na segunda trabalhariam as horas necessárias contanto que as 48 horas e mais as horas excedentes tivessem um aumento de 30%¹⁰. Mas o acordo assinado pelo sindicato na delegacia regional do trabalho em 1951 dizia que os operários não podiam pedir aumento ou revisão do acordo dentro de dois anos. A proposta dos operários logo recebe uma contra proposta de 20% para 48 horas de serviço ou 5% sobre todas as horas trabalhadas¹¹. O que também não foi aceito pela comissão, mas abriu uma negociação.

O que estamos vendo são os operários da preparação- setor importante no sistema de produção, pois, sem os seus trabalhos outras partes da fábrica ficam impossibilitadas de

⁹ Relatório 13/02/51 Prontuário funcional da fábrica de Moreno. p. 01. Fundo SSP nº 5825-B. Acervo DOPS- PE. APEJE.

¹⁰ Relatório 28/01/52 Prontuário funcional da fábrica de Moreno. p. 01. Fundo SSP nº 5825-C. Acervo DOPS- PE. APEJE.

¹¹ idem

funcionar- reunidos em comissão exigindo um ajuste salarial que não faça tamanha diferença dos seus salários, como era antes da reforma que os belgas empreenderam. Organização no chão da fábrica levada à gerência para negociação direta, tendo como tentativa de interlocução a figura do prefeito Ney Maranhão que tenta a aproximação com os operários na oferta de ajuda jurídica, disponibilizando um advogado e apresentando à comissão.

Casos de intermediários são recorrentes nesse momento, ora pelos políticos locais, o prefeito Ney Maranhão, seu pai e deputado estadual, Constâncio, o vereador Adolfo Gomes; ora deputados representantes dos comunistas como o deputado Roberto Morena. O cenário de luta classista dentro da fábrica também é um cenário de lutas e embates políticos; comunistas e suas lideranças políticas, imprensa como o jornal Folha do Povo- periódico ligado também ao partido comunista- e políticos locais de caráter mais conservador como o prefeito Ney Maranhão, que desenvolve uma política trabalhista paternalista¹², sempre tentando uma interlocução com a classe trabalhadora se colocando no papel de intermediador e exercendo uma política baseada no clientelismo. A politização e organização dos operários, que geraram as demandas reivindicatórias, faz com que essas duas correntes políticas tentem se aproximar, se pondo como representantes legítimos das causas dos operários. E em alguns momentos isso vai ser um recurso dos operários frente às mediações tanto com a gerência quanto com a justiça do trabalho. Mas as formas de negociações são primordialmente as ações diretas das comissões que vão diretamente à gerência.

Enquanto os operários puxaram a greve pela reivindicação dos ajustes de horas trabalhadas, se recusando a seguir o horário estabelecido a partir do dia 19 de maio, a SCBB tratava o caso argumentando que os operários agiam “com evidente má vontade e indisciplina.”¹³ E que os operários não atenderam aos apelos da fábrica, reduzindo o ritmo de produção praticando a greve branca causando a falta de fio para a seção de fiação. A SCBB

¹² Maiores considerações sobre a aproximação dessa camada política representada por Ney Maranhão com os operários de Moreno está em processo de construção no meu projeto e pesquisa de mestrado em andamento. Analisamos a figura desse político, junto a seu pai, deputado Constâncio Maranhão, tendo uma aproximação muito forte com os trabalhadores, sendo um caso de políticos de direita nos meios trabalhistas. Tema já analisado por Paulo Fonte em “Um Nordeste em São Paulo: Trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista” onde vê a aproximação de Ademar e Barros e Jânio Quadros nas reivindicações dos operários, no cotidiano político dos moradores de São Miguel Paulista.

¹³ Relatório 15 /05/52 Prontuário funcional da fábrica de Moreno. p. 01-02. Fundo SSP nº 5825-B. Acervo DOPS-PE. APEJE.

faz um apelo para que os operários cumpram as novas regras. Mas os operários estão determinados a não aderir às novas diligências da fábrica, o que provocaria uma diminuição significativa nos seus salários.

Foi marcada uma reunião com a seção de preparação contando com a presença do diretor presidente da fábrica, Henri Van Den Bosch, gerente interino Felix De Vocht, subgerente Vernon Walmsley, advogado da fábrica, chefe do serviço pessoal, Guilherme Cunha e diversos técnicos de fabricação belgas, junto com o delegado do trabalho Ernesto Pinto, presidente do sindicato Hirton Barros de Vasconcelos, presidente da câmara municipal local Oseas Mendonça, advogado do sindicato Dr. Felix de Lira¹⁴. E mais uma vez não foi resolvida a questão dos operários, ficando acertado pelo delegado do trabalho que os operários, junto com o seu sindicato, redigissem um memorial para a delegacia regional do trabalho, caso não solucionasse iria mandar a causa para a justiça do trabalho. Na saída da reunião, na praça da cidade, vaias e uivos foram proferidos num protesto contra os belgas.

Pela primeira vez as reivindicações dos operários da preparação ganha a esfera da justiça, saindo da tentativa de conciliação direta com os gerentes e passando a ter com a delegacia regional do trabalho a tentativa de ajustes entre as partes. Sem resolução frente à gerência, foi montado um dissídio junto à justiça do trabalho. O acesso aos aparelhos democráticos para resolver diligências pendentes se tornará cada vez mais frequente nas reivindicações e é esta uma das marcas do período 1946-64. Esse intervalo democrático proporciona a instrumentalização de aparatos democráticos aos cidadãos, uma experiência inovadora do período.

O clima em Moreno está tenso, as agitações operárias, e as consequentes mobilizações das forças policiais do Estado se dividem em uma clara luta de classes sem precedentes nesta cidade. Chegam a Moreno diversos carros da rádio patrulha¹⁵ na tentativa de coibir e apurar a situação. Rádio Patrulha, agentes infiltrados da DOPS e forças tarefas com a polícia local são usadas, em parceria com as forças da SBCC, para tratar do caso. Pois a greve está sendo

¹⁴ Relatório 25/05/52 Prontuário funcional da fábrica de Moreno. p. 01. Fundo SSP nº 5825-B. Acervo DOPS- PE. APEJE.

¹⁵ Relatório 27/05/52 Prontuário funcional da fábrica de Moreno. p. 01-02. Fundo SSP nº 5825-B. Acervo DOPS- PE. APEJE.

tratada, também, como caso de polícia a ser investigado e combatido. As forças policiais procuram os que mantêm a orientação comunista, sendo que, os operários quando indagados sobre as acusações de um levante encabeçado por comunistas, negam dizendo que as agitações ocorrem pela maneira como os belgas estavam tratando a questão das horas e conseqüentemente os seus salários.¹⁶ Esclarecendo que suas reivindicações são formuladas a partir do descontentamento com a redução dos salários e levada à efeito de greve pelos operários que acharam feridos seus interesses, não contando com nenhuma cooptação por parte do partido comunista.

Nesse clima de agitação vem o deputado Constâncio Maranhão e seu filho, Ney Maranhão, se colocam diversas vezes como representantes dos operários, se colocando a disposição dos grevistas. Em 27 de maio vão à administração da fábrica declarando estar a mando do governador Agamenon Magalhães para resolver o caso¹⁷. Reúnem-se com a direção e articulam-se com o sindicato para mostrar aos operários seus esforços na resolução das demandas trabalhistas. Numa reunião marcada pelo órgão de classe declararam o resultado da conferência com os belgas: que voltassem a trabalhar como antes. Pois conseguiram a anulação das reformas administrativas que reduzira o salário. Logo que apresentada, a proposta foi rejeitada, alegando, os operários, que queriam aumento de salário de acordo com o memorial que foi encaminhado ao delegado do trabalho. Em seguida Constâncio Maranhão diz que isso não foi dito a ele e que agora os operários deveriam ir à justiça do trabalho. As novas formulações reivindicatórias eram por uma jornada de trabalho de 48 horas mais 60% de aumento, já reclamadas à justiça do trabalho.

Em uma nova intervenção, o deputado alegou ter conseguido a volta dos salários como antes. Não adiantou, pois os operários reivindicam agora, reajuste salarial na base do tempo trabalhado, indo o dissídio caminhar na justiça do trabalho, ficando a espera do retorno do memorial que está nas mãos do delegado do trabalho pelas 48 horas trabalhadas e 60% de aumento. A intervenção do deputado não surtiu o efeito esperado por ele, pois em sua negociação com os gerentes confirmou a volta dos antigos salários, sendo que as pretensões

¹⁶ Idem

¹⁷ Relatório 27/05/52 Prontuário funcional da fábrica de Moreno. p. 01-02. Fundo SSP nº 5825-B. Acervo DOPS-PE. APEJE.

dos operários já ultrapassavam a volta dos antigos salários. As ações dos políticos e a forma que a gerência trata o movimento paredista nos evidenciam quanto de paternalismo, estava presente no trato com os operários, formas paternas de resolução, de intermediação para resolver o caso. Tanto por parte da gerência, que truculenta e inflexível, trata como questão de indisciplina as reivindicações, quanto pelos políticos “Maranhão”, que a todo o momento vão procurar intermediações para resolução consensual entre as partes de forma amigável, de sua forma política.

Fica evidente que os operários, em união nas comissões, se põem firmes nos seus propósitos, o sindicato, sob intervenção, serve como ponto de reuniões e apoio, partindo as decisões do chão da fábrica. Em nova reunião no sindicato para tratar do memorial enviado ao delegado do trabalho, o presidente queria que os operários voltassem a trabalhar às horas extraordinárias, até o máximo de 73 horas, o que não foi aceito. Eles querem, nesse momento, trabalhar 48 horas e aumento de 60%¹⁸ e se põem firmes nesse propósito. Nesse dia, por falta de matéria prima, a SCBB parou e assim permaneceu, em algumas seções, por quinze dias.

Durante o tempo que a fábrica permaneceu parada por falta de trabalho da seção de preparação, foi relatado pelos investigadores da DOPS, o estrago de duzentos metros de pano e a distribuição de vários panfletos, de caráter “subversivo”, incitando os operários a continuar na luta. Os operários estavam muito organizados, mantinham o movimento paredista de braços soltos pouco trabalhando, causando paralisação de outros setores. Conseqüentemente aumentava a pressão em cima deles com mais operações conjuntas dos belgas e polícia. Na sessão da câmara no dia 5 de junho o vereador Adolfo Gomes proferiu um discurso dizendo que os políticos de Moreno e a câmara deveriam mandar telegrama para o presidente da república e o ministro do trabalho para denunciar a exploração que estava fazendo os belgas em Moreno¹⁹. Este movimento grevista denuncia a exploração e o autoritarismo fabril, que agora passa pela sua primeira crise. A Folha do Povo denunciando também a exploração dos têxteis publicou:

¹⁸ Relatório 31/05/52 Prontuário funcional da fábrica de Moreno. p. 01. Fundo SSP nº 5825-B. Acervo DOPS- PE. APEJE.

¹⁹ Relatório 06/06/52 Prontuário funcional da fábrica de Moreno. p. 01. Fundo SSP nº 5825-B. Acervo DOPS- PE. APEJE.

Na cidade de Moreno prossegue a luta dos trabalhadores têxteis, que enfrentam a exploração dos belgas e as ameaças de terrorismo da polícia de Agamenon Magalhães. Em consequência das manobras dos patrões, foram os salários dos trabalhadores reduzidos de maneira verdadeiramente absurda. Na última semana, houve operários que receberam apenas 190 cruzeiros e que antes recebiam, semanalmente 410 cruzeiros. Diante dessa situação, os operários exigem 60 por cento de aumento com 48 horas trabalhadas²⁰.

Em novo relatório de 18 de junho, o investigador tenta achar uma razão para a greve e diz ser essa motivada “em primeiro lugar da pressão da gerência sobre o operariado e pelo aumento de 60% dos salários e 48 horas de serviço. Depois a paralização acarretada pela falta de matéria prima²¹”. Mesmo fazendo uma justificativa dentro das demandas reclamadas pelos funcionários, diz que todo esse movimento está sendo orientado pelos comunistas que lotam a cidade com boletins incitando a greve, atribuindo os boletins às ações comunistas. Vejamos um dos boletins:

Companheiros, operários e operárias da fábrica de Moreno:

A miséria nessa empresa está aumentando dia a dia para vocês. Os belgas enriquecendo cada vez mais à custa da exploração desumana que vem empregando com o apoio do governo das classes dominantes. (...) o caminho que vocês tem para sair desta situação de miséria é a luta. (...) As condições estão para nós, precisamos está convencidos disto, que somos 10 vezes mais fortes que os belgas e podemos derrota-los imediatamente.

Tudo pela vitória, tudo pela paz, tudo pela união da classe operária!

Tudo por aumento de 60% no salário!

Tudo por salário mínimo de Cr\$ 1.500,00!

Tudo por eleições livres no sindicato!²²

Em ofício dirigido à delegacia regional do trabalho a SCBB pede intervenção da polícia para acabar com a greve, uma vez que são os boletins subversivos dos comunistas que orientam a greve e por outro lado a Folha do Povo incentiva. Segundo a fábrica, os operários vão ao trabalho e permanecem de braços cruzados agindo de forma intransigente²³. Vê-se

²⁰ Folha do Povo. 7/06/1952. P. 03. APEJE

²¹ Relatório 18/06/52 Prontuário funcional da fábrica de Moreno. p. 01. Fundo SSP nº 5825-B. Acervo DOPS- PE. APEJE.

²² Relatório 6/06/52 Prontuário funcional da fábrica de Moreno. Fundo SSP nº 5825-B. Acervo DOPS- PE. APEJE.

²³ Relatório 20/06/52 Prontuário funcional da fábrica de Moreno. p. 01. Fundo SSP nº 5825-B. Acervo DOPS- PE. APEJE.

claramente como os investigadores e a própria fábrica usam do discurso anticomunista para forçar maior repressão frente às reivindicações operárias.

Nem o partido comunista, nem os políticos- que se intitulavam representantes dos operários- são os norteadores e atores ativos das mobilizações operárias tanto no ano de 1952, quanto nos anos até 1964. Encontramos aqui uma mobilização de massa guiada por um sentido de classe que surge entre os trabalhadores e que se articula de diversas formas para encontrar um caminho possível na resolução de suas reivindicações.

Em setembro sai o resultado Do Tribunal Regional do Trabalho sobre o dissídio dos têxteis do Recife dando ganho de causa aos operários tendo os empregadores que pagar 30% de aumento a contar daquele dia, juntamente com as horas trabalhadas reivindicadas²⁴. Isso gera grande expectativa nos têxteis de Moreno, uma vez que seu dissídio está na justiça do trabalho e suas reivindicações se assemelham aos dos de Recife.

Tendo como base o dissídio dos operários de Recife, uma reunião no sindicato no dia 4 de junho ficou decidiu que os operários da preparação voltariam ao trabalho com o ajuste de 73 horas trabalhadas durante a semana sem nenhum reajuste nos salários até que a justiça do trabalho decida sobre a reclamação²⁵. Esse acordo foi definido após vitória dos têxteis na justiça local. E acrescenta o investigador: “Espera-se na próxima segunda-feira a normalização dos trabalhos, passando, desta maneira, a primeira crise sentida nas reformas ultimamente adotadas pela nova orientação dos belgas²⁶”.

Após grandes mobilizações e intensos conflitos se encerra um ciclo de lutas com o desfecho favorável para os têxteis de Moreno, onde, em meio às intransigências patronais, não deixaram as suas reivindicações serem abaladas por intimidações feitas pela polícia política e pelos empregadores. Moveram uma luta intensa contra os empregadores buscando um direito perdido com as reformas administrativas e articulando, no decorrer do movimento, novas possibilidades de aumento de salários. Das articulações politizadas das comissões aos usos de

²⁴ Correio de Moreno. 28/09/1952. p. 04. APEJE.

²⁵ Relatório 25/06/52 Prontuário funcional da fábrica de Moreno. p. 01. Fundo SSP nº 5825-B. Acervo DOPS- PE. APEJE.

²⁶ Relatório 28/07/52 Prontuário funcional da fábrica de Moreno. p. 02. Fundo SSP nº 5825-B. Acervo DOPS- PE. APEJE.

mecanismos democráticos, os trabalhadores de Moreno se mantêm coesos e buscaram direitos nas possibilidades estabelecidas pelo sistema democrático vigente e na busca por novos meios criados pelas comissões de fábrica frente a justiça do trabalho.

A greve dos 32 mil

No dia 13 de outubro há nova paralização em solidariedade e para integrar o movimento grevista do Recife, a greve dos 32 mil. Os operários param novamente o trabalho, uma vez que seu dissídio sobre as 48 horas trabalhas e 60 % de aumento não tinha saído, integrando uma grande greve que está ocorrendo com os têxteis de Recife e Paulista. “São 18 mil operários do Recife, aos quais já se juntaram 10 mil de Paulista e 3 mil de Moreno perfazendo um total de 32 mil trabalhadores. E porque lutam esses 32 mil operários pernambucanos? Lutam por tudo aquilo que lutamos todos nós: por melhores salários”²⁷.

Reunindo-se no sindicato comunicam sobre a greve na capital, organizam os piquetes, as comissões de finança e de vigilância, arrecadam donativos, disponibilizando, o prefeito local, Ney Maranhão, como uma forma de aproximação com o movimento dos trabalhadores, 8 bois e um carro a disposição da comissão para percorrer cidades adjacentes²⁸.

Os operários de Moreno, neste instante entram numa reivindicação maior, fazendo ser representados e ouvidos pelos têxteis de todo Pernambuco numa importante mobilização da classe.

A greve dos têxteis de Pernambuco de 1952 é um marco importante para o estudo dos momentos concretos em que se manifestam grupos da classe trabalhadora em movimentos reivindicatórios coletivos, reinterpretando e criando formas de organização expondo publicamente sinais e indicações de consciência de classe. Do período anterior a 1964 foi mais estudada a greve dos “300 mil” de 1953, dos operários de São Paulo, envolvendo várias categorias profissionais, onde é destacada a importância da formação de comissões de empresa associadas ao trabalho sindical. (Lopes, 1988: 408)

²⁷ Folha do povo 14/10/52. p. 01. APEJE

²⁸ Relatório 16/10/52 Prontuário funcional da fábrica de Moreno. p. 01, 02, 03. Fundo SSP nº 5825-B. Acervo DOPS- PE. APEJE

Essa greve²⁹ marca no setor têxtil pernambucano, como nos diz Leite Lopes ao analisar o mesmo contexto na fábrica Paulista, uma demonstração de consciência de classe crescente no Estado. Foi alinhavada em Moreno tomando como base as greves que se arrastavam durante praticamente todo o ano contra o rebaixamento dos salários provocado pela reforma administrativa.

Depois de dias de greves, protestos e passeatas contra o autoritarismo belga, e a demora do resultado do dissídio, os operários voltam ao trabalho com as garantias do aumento de 30% e o de recebimento das horas paradas³⁰. Ficou assim resolvido o caso das reivindicações dos têxteis no ano de 1952. Saindo vitoriosos e mostrando uma grande mobilização e consciência de classe. Da participação ativas dos trabalhadores da SCBB surte o efeito para o ajuste nos seus salários. Essa experiência vai dar fôlego às movimentações pelo salário mínimo.

Por outro lado sofreram com as demissões de muitos dos envolvidos nos movimentos grevistas. Muitos dos envolvidos foram demitidos, alguns, com ações das comissões e do sindicato, voltaram. Outros não³¹. As intransigências patronais se tornam mais fortes no propósito de coibir novas ações dos operários, e um dos recursos era a demissão de funcionários acusados de participarem da greve, mesmo com estabilidade garantida por lei.

Considerações finais

Esta comunicação teve o papel de mostrar, pormenorizadamente, as movimentações reivindicatórias dos têxteis no ano de 1952. Entre piquetes, comissões e organização da classe, esses operários dão uma imensa demonstração de sua força. Marcando os anos 50 naquela cidade, onde virão, posteriormente, novas greves e mobilizações, sob outros propósitos.

²⁹ Mais detalhes sobre essa greve e da participação dos operários de Moreno encontra-se na nossa dissertação, que está em processo e construção.

³⁰ Relatório 25/10/52 Prontuário funcional da fábrica de Moreno. p. 02, 03. Fundo SSP nº 5825-B. Acervo DOPS-PE. APEJE.

³¹ Folha do Povo 1/11/1952. APEJE

Houve muitas resistências e reivindicações nos anos anteriores a 1952, porém, aquele ano mostra toda a organização da classe, que, com relativa liberdade democrática³² se põem em cena com suas aspirações, baseadas num direito adquirido que ganha novas formas concomitantemente se organiza as lutas e a classe. E o que vemos é a insurgência de uma clara demonstração de consciência de classe na luta por seus direitos.

A nossa intenção foi detalhar os acontecimentos do ano de 1952 contextualizando-o ao período 1946-1964, quando há em todo o país claras movimentações trabalhistas de massa. De forma mais incisiva no sudeste do Brasil, eixo Rio-São Paulo, mas também em outras regiões. Nossa pesquisa visa tanto demonstrar essas lutas fora do eixo Rio-São Paulo, quanto trazer para a historiografia do trabalho, com viés social, os trabalhadores da Société Cotonnière Belge Brésilienne, fábrica com vila operário no interior de Pernambuco.

Referências bibliográficas

CORREIA, Telma de Barros. **DE VILA OPERÁRIA A CIDADE-COMPANHIA:** as aglomerações criadas por empresas no vocábulo especializado e vernacular. R.B. estudos urbanos e regionais nº 4, Maio 2001.

FONTES, Paulo. **Um nordeste em São Paulo:** trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista (1945-66)- Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

_____. **Trabalhadores e cidadãos:** Nitro Química: a fábrica e as lutas operárias nos anos 50. São Paulo: Annablume, 1997.

³² Falamos em relativa porque há uma grande perseguição, entre os operários, e na sociedade de uma forma geral, aos comunistas, ou aos supostos comunistas. Vê-se muitas vezes que reivindicar, fazer greves, foi sinônimo de ser subversivo, conseqüentemente, tratado como algo ilegal, criminoso. Muitos operários foram perseguidos, presos para depoimentos, demitidos, com o uso desse argumento pelas forças policiais. De uma forma geral esse discurso anticomunista foi muito forte no Estado de Pernambuco, seja fazendo seu uso contra os operários, seja nos movimentos das ligas camponesas.

FORTES, Alexandre [et al.]. Na luta por direitos: leituras recentes em história social do trabalho. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1999.

JEAN, Suetinni. **Um lugar belga em Pernambuco: o núcleo fabril da Societé Cotonnière Belge-Brésilienne S. A. e a consolidação em cidade de Moreno.** Dissertação de mestrado CAC. Arquitetura. Recife, 2011.

LOPES, José Sergio Leite. **A tecelagem dos conflitos de classe na cidade das chaminés.** São Paulo/ Brasília, Marco zero/ editora da UnB, 1988.

MONTENEGRO, Antônio Torres. **História, memória e metodologia.** São Paulo: Contexto, 2010.

NEGRO, Antônio Luigi. **Linhas de montagem o industrialismo nacional desenvolvimentista e a sindicalização dos trabalhadores, 1945-1978.** – São Paulo: Boitempo, 2004.

_____. **“Não trabalhou porque não quis”:** greve de trabalhadores têxteis na justiça do trabalho (Bahia, 1948). Revista Brasileira de História. São Paulo, v 32, nº64, p101-128-2012.

PORFÍRIO, Pablo F. de A.. **Medo, comunismo e revolução: Pernambuco (1959-1964).** Recife. Ed. Universitária da UFPE, 2009.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária Inglesa.** Rio de Janeiro: Paz Terra, 1987.

_____. **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional.** São Paulo : companhia das letras, 1998.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL